

Métodos de Pesquisa

Tatiana Engel Gerhardt
Denise Tolfo Silveira
Organizadoras

EAD

SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA



Métodos de Pesquisa



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

**SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA**

Secretário

Sérgio Roberto Kieling Franco

Vice-Secretário

Silvestre Novak

Comitê Editorial

Lovois de Andrade Miguel

Mara Lucia Fernandes Carneiro

Silvestre Novak

Sílvio Luiz Souza Cunha

Sérgio Roberto Kieling Franco,
presidente

EDITORA DA UFRGS

Diretora

Sara Viola Rodrigues

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Ana Lígia Lia de Paula Ramos

Carlos Alberto Steil

Cornelia Eckert

Maria do Rocio Fontoura Teixeira

Rejane Maria Ribeiro Teixeira

Rosa Nívea Pedroso

Sergio Schneider

Susana Cardoso

Tania Mara Galli Fonseca

Valéria N. Oliveira Monaretto

Sara Viola Rodrigues, presidente

Métodos de Pesquisa

Tatiana Engel Gerhardt

Denise Tolfo Silveira

Organizadoras

EAD
SÉRIE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA


UFRGS
EDITORA


SEAD
Secretaria de
Educação a Distância


CURSO DE GRADUAÇÃO TECNOLÓGICA
**PLANEJAMENTO E GESTÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL**

© dos Autores
1ª edição: 2009
Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa e projeto gráfico: Carla M. Luzzatto
Revisão: Ignacio Antonio Neis, Sabrina Pereira de Abreu e Rosany Schwarz Rodrigues
Editoração eletrônica: Luciane Delani

Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS

Coordenador: Luis Alberto Segovia Gonzalez

Curso de Graduação Tecnológica Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural

Coordenação Acadêmica: Lovois de Andrade Miguel

Coordenação Operacional: Eliane Sanguiné

M939 Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

120 p. : il. ; 17,5x25cm

(Série Educação a Distância)

Inclui figuras, quadros e anexos.

Inclui referências.

1. Metodologia da pesquisa científica. 2. Métodos de pesquisa. 3. Pesquisa científica – Elaboração. 4. Projeto de pesquisa – Estruturação. 5. Tecnologia da informação e comunicação – Pesquisa. 6. Ética – Plágio. I. Gerhardt, Tatiana Engel. II. Silveira, Denise Tolfo. III. Universidade Aberta do Brasil. IV. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Secretaria de Educação a Distância. Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

CDU 001.891

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0071-8

Tatiana Engel Gerhardt

INTRODUÇÃO

Esta Unidade explora aspectos teóricos e conceituais referentes às diferentes etapas de construção de uma pesquisa científica, apontando os principais eixos de uma pesquisa e a lógica que os une.

OBJETIVOS

Os objetivos desta Unidade são:

- (1) conhecer os eixos e as etapas que compõem um projeto de pesquisa; e
- (2) compreender a importância do projeto para a realização da pesquisa científica.

3.1 ALGUMAS CONDUTAS QUE DIFICULTAM COMEÇAR, OU COMEÇAR MAL, UMA PESQUISA

Optamos, para iniciar esta Unidade, por nos apoiar no excelente manual de introdução à pesquisa científica de Quivy & Campenhoudt (1995)³, os quais muito didaticamente nos apresentam diferentes condutas que facilitam e dificultam a elaboração de uma pesquisa.

Segundo esses autores (1995, p. 10),

(...) no início de uma pesquisa ou de um trabalho, o cenário é praticamente o mesmo: sabemos vagamente que queremos estudar tal ou tal problema, por exemplo, o desenvolvimento de uma região, o funcionamento de uma instituição, a introdução de novas tecnologias ou as atividades de uma associação, mas não sabemos muito bem como abordar a questão. Desejamos que o trabalho seja útil e que possamos chegar ao fim, mas temos o sentimento de nos perder antes mesmo de termos começado. O caos original não deve ser fonte de preocupação; ao contrário, ele é a marca de um espírito inquieto, que não alimenta simplismos e certezas já prontas. O problema é como sair disso.

³ As passagens citadas da obra de QUIVY & CAMPENHOUDT (1995) foram traduzidas por Tatiana Engel Gerhardt.

No início de uma pesquisa, como não sabemos muito bem como proceder ou por onde começar, o que normalmente fazemos é o que Quivy & Campenhoudt (1995, p. 10) chamam de fuga antecipada. Segundo os autores, ela pode tomar diferentes formas, entre as quais são citadas a “gulodice livresca ou estatística”, o “impasse das hipóteses” e a “ênfase obscura”.

► A “gulodice livresca ou estatística”

Quivy & Campenhoudt (1995, p. 10) chamam de “gulodice livresca ou estatística” o fato de

(...) encher a cabeça com uma grande quantidade de livros, de artigos ou de dados numéricos, esperando encontrar em um parágrafo ou um gráfico a luz que permitirá enfim precisar corretamente e de maneira satisfatória o objetivo e o tema de trabalho que desejamos pesquisar. Esta atitude conduz de forma constante à desmotivação, pois a abundância de informações mal absorvidas conduz a embaralhar ainda mais as ideias. É preciso, portanto, voltar para trás, reaprender a refletir mais do engolir as informações, a ler em profundidade poucos textos escolhidos cuidadosamente e a interpretar judiciosamente alguns dados estatísticos particularmente significativos. A fuga por antecipação não é somente inútil, mas, sobretudo, prejudicial. Muitos estudantes abandonam seus projetos de pesquisa de final de curso, de mestrado ou doutorado por terem assim começado. É preferível escolher o caminho mais simples e mais curto para chegar ao melhor resultado. Isso implica que não devemos nos engajar em um trabalho importante sem antes termos refletido sobre o que queremos saber e de que forma devemos proceder. Descongestionar o cérebro de números e palavras é o primeiro passo para começar a pensar de forma ordenada e criativa (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p.10).

Dessa forma, é preferível começar de forma organizada o trabalho, escolhendo os textos que realmente irão contribuir para aprofundar o tema a ser desenvolvido na pesquisa.

► O “impasse das hipóteses”

Outra forma corrente da fuga por antecipação é apontada por esses autores (1995, p. 11)

(...) o impasse das hipóteses consiste precisamente na coleta de dados antes de se terem formulado as hipóteses de pesquisa e em preocupar-se com a escolha e a colocação em prática das técnicas de pesquisa antes mesmo de se saber exatamente o que se vai pesquisar e, portanto, para que elas devem servir. É comum encontrarmos estudantes que declaram querer fazer uma pesquisa com questionário junto a uma dada população sem que eles tenham qualquer hipótese de trabalho, não sabendo nem mesmo o que desejam pesquisar. Somente podemos escolher uma técnica de investigação se tivermos uma ideia do tipo de

dados ou informações que queremos coletar. Isso implica que devemos começar definindo muito bem o projeto de pesquisa. Esta forma de fuga por antecipação é corrente, e é decorrente da crença de que o uso das técnicas de pesquisa determina o valor intelectual e o caráter científico do trabalho. Mas para que serve colocar em prática técnicas de pesquisa se elas correspondem a um projeto superficial e mal definido? Outros pensam ainda que basta acumular um grande número de informações sobre um tema e submetê-lo a uma variedade de técnicas estatísticas para descobrir a resposta às questões que se colocam. Eles caem assim em uma armadilha.

Assim, a coleta de dados deve iniciar após termos realmente problematizado o tema a ser pesquisado, ou seja, após termos conseguido colocar-nos questões pertinentes sobre o tema que ainda não foram tratadas por outros estudos.

► A “ênfase obscura”

Esta terceira forma de fuga antecipada é, segundo os autores (1995, p. 11),

(...) frequente nos pesquisadores iniciantes que são impressionados e intimidados pela sua recente entrada na universidade e pelo que eles pensam ser a Ciência. Para assegurar uma credibilidade, eles acreditam ser útil expressar-se de forma “difícil” e incompreensível e, seguidamente, eles raciocinam também dessa forma. Duas formas dominam seus projetos de pesquisa ou de trabalho: a ambição desmesurada e a confusão total. Tanto pode ser a reconstrução industrial de sua região que lhes parece o impasse, quanto o futuro do ensino; quanto ainda o destino dos países em desenvolvimento. Essas declarações de intenções se expressam em uma linguagem ao mesmo tempo vazia e enfática que dificilmente esconde um projeto de pesquisa claro e interessante. A primeira coisa a ser feita por seu orientador/tutor será ajudá-los a serem simples e claros. Para vencer essas eventuais reticências, é preciso pedir-lhes sistematicamente que definam todas as palavras utilizadas e expliquem todas as frases que formulam, de forma que se deem conta rapidamente de que eles mesmos não compreendem o que estão dizendo.

Esta terceira forma de mal começar uma pesquisa nos indica a necessidade de termos uma linguagem clara e objetiva, mas que ao mesmo tempo seja científica, acadêmica. Esse é um exercício difícil e que demanda investimento por parte do pesquisador, mas de suma importância para que todos os conceitos e termos utilizados ganhem sentido na formulação do projeto e não sejam colocados meramente ao acaso. Num texto científico, cada palavra, cada conceito tem peso, pois representa um ponto de vista, uma visão de mundo por parte do pesquisador.

No campo da pesquisa científica, o que importa acima de tudo é que um bom trabalho é aquele que busca a verdade. Não a verdade absoluta, estabelecida uma vez por todas pelos dogmas, mas uma verdade que se permite questionar e que se aprofunda incessantemente pelo desejo do pesquisador de compreender de forma mais justa a realidade na qual vivemos e que construímos.

Frente a esses elementos, vejamos então como proceder para a construção de uma pesquisa de forma a assegurar-lhe um bom começo. Para tal, utilizaremos os esquemas didáticos propostos por Quivy & Campenhoudt (1995), ao abordarem o processo de elaboração da pesquisa científica, desde os princípios/eixos que a norteiam até o desenvolvimento das etapas para colocá-la em prática.

3.2 PROCESSO DE ELABORAÇÃO DA PESQUISA CIENTÍFICA

3.2.1 Os três grandes eixos da pesquisa

Para compreender a articulação das etapas de uma pesquisa, Quivy & Campenhoudt (1995) falam rapidamente sobre os princípios contidos nos três eixos de uma pesquisa e da lógica que os une.

- **A ruptura:** O primeiro eixo necessário para se fazer pesquisa é a ruptura. Nossa bagagem “teórica” possui várias armadilhas, pois uma grande parte das nossas ideias se inspira em aparências imediatas ou em partidarismos. Elas são seguidamente ilusórias e preconceituosas. Construir uma pesquisa nessas bases é construí-la sobre um terreno arenoso. Daí a importância da ruptura que consiste em romper com as ideias preconcebidas e com as falsas evidências que nos dão somente a ilusão de compreender as coisas. A ruptura é, portanto, o primeiro eixo constitutivo das etapas metodológicas da pesquisa (p. 15).

- **A construção:** Esta ruptura só se efetua ao nos referirmos a um sistema conceitual organizado, suscetível de expressar a lógica que o pesquisador supõe ser a base do objeto em estudo. É graças a esta teoria que se podem construir as propostas explicativas do objeto em estudo e que se pode elaborar o plano de pesquisa a ser realizado, as operações necessárias a serem colocadas em prática e os resultados esperados ao final da pesquisa. Sem esta construção teórica, não há pesquisa válida, pois não podemos submeter à prova qualquer proposta. As propostas explicativas devem ser o produto de um trabalho racional fundamentado numa lógica e num sistema conceitual validamente constituído (p. 17).

- **A constatação:** Uma proposta de pesquisa tem direito ao *status* científico quando ela é suscetível de ser verificada por informações da realidade concreta. Esta comprovação dos fatos é chamada constatação ou experimentação. Ela corresponde ao terceiro eixo das etapas da pesquisa (p. 17).

3.2.2 As sete etapas da pesquisa

Os três eixos da pesquisa científica não são independentes uns dos outros. Assim, por exemplo, a ruptura não é realizada unicamente no início da pesquisa, ela é realizada também na construção da pesquisa. E a construção não pode acontecer sem a ruptura necessária, nem a constatação, pois a qualidade desta está intimamente ligada à qualidade da construção da pesquisa. No desenvolvimento concreto de uma pesquisa, os três eixos metodológicos são realizados ao longo de uma sucessão

de operações que podem ser agrupadas em sete etapas. Por razões didáticas, a figura 1, abaixo, distingue de forma precisa as sete diferentes etapas. As sete etapas compõem-se dos seguintes elementos: a formulação da questão inicial; a exploração da questão inicial (por meio de leitura e de coleta de dados exploratória); a elaboração da problemática; a construção de um modelo de análise; a coleta de dados; a análise das informações e as conclusões. As flechas de retroação nos lembram que essas diferentes etapas estão em interação constante, ou seja, a cada etapa devemos reportar-nos às etapas anteriores, a fim de mantermos coerência e lógica ao longo da pesquisa. Vejamos, então, cada uma dessas etapas separadamente e que relações elas mantêm com etapas anteriores ao longo da elaboração da pesquisa.

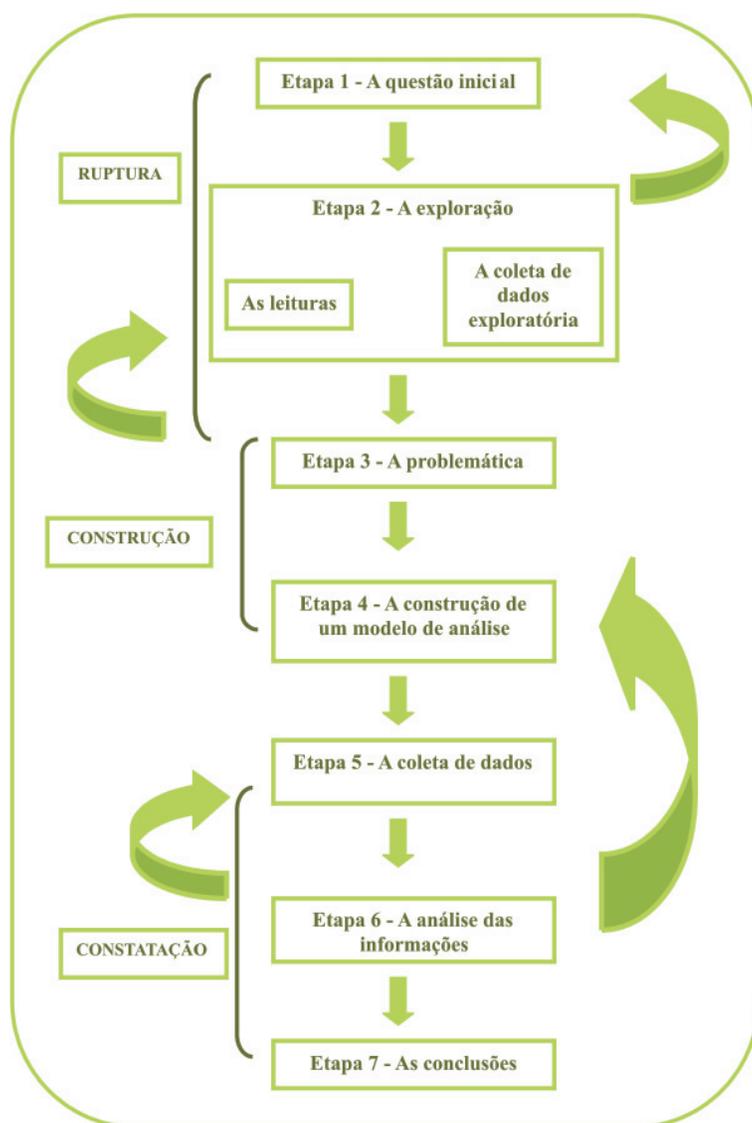


Figura 1 – Etapas da pesquisa científica
Fonte: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995.

3.2.2.1 PRIMEIRA ETAPA: A QUESTÃO INICIAL

A melhor forma de começar um trabalho de pesquisa, segundo Quivy & Campenhoudt (1995) consiste em formular um projeto a partir de uma questão inicial:

(...) através desta questão, o pesquisador tentará expressar o mais precisamente possível o que ele busca conhecer, elucidar, compreender melhor. A questão inicial servirá de fio condutor da pesquisa. Para preencher corretamente essa função, a questão inicial deve apresentar qualidades de clareza, exequibilidade e pertinência:

- ▶ Qualidades de clareza:
 - Ser precisa
 - Ser concisa e unívoca
- ▶ Qualidades de exequibilidade:
 - Ser realista
- ▶ Qualidades de pertinência
 - Ser uma questão verdadeira
 - Abordar o que já existe sobre o tema e fundamentar as transformações do novo estudo sobre o tema
 - Ter a intenção de compreensão dos fenômenos estudados (p. 35).

Exercício de aplicação: formulação de uma questão inicial⁴

- ▶ Formule uma questão inicial.
- ▶ Teste esta questão com um grupo de colegas ou amigos, de forma a assegurar que ela está clara e precisa e, portanto, pode ser compreendida por todos da mesma forma. Formule a questão ao grupo sem expor seu sentido ou dar explicações. Cada pessoa do grupo deve expor a forma como compreendeu a pergunta. A questão será precisa se as interpretações convergirem e corresponderem às intenções do pesquisador.
- ▶ Verifique se a questão contém igualmente as outras qualidades apresentadas acima.
- ▶ Caso contrário, reformule a questão e reinicie o processo.

LEMBRE-SE

A insistência na questão inicial deve-se ao fato de que muitas vezes o pesquisador não lhe dá o devido valor, pois ou ela lhe parece evidente (implicitamente!) ou ele pensa que, avançando, ele a verá mais claramente. Isso é um engano. Fazendo o papel de fio condutor da pesquisa, a questão inicial deve ajudar a progredir nas leituras e na coleta de dados exploratória. Quanto mais esse "guia" for preciso, mais rapidamente o pesquisador avançará. Ou seja, é trabalhando e (re)trabalhando sua questão inicial que o pesquisador conseguirá fazer a ruptura com as ideias preconcebidas e com a ilusão da transparência. Enfim, existe ainda uma última razão decisiva para efetuar cuidadosamente este exercício: as hipóteses de trabalho, que constituem os eixos centrais de uma pesquisa, se apresentam como propostas de respostas à questão inicial (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 38).

⁴ QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p 36.

3.2.2.2 SEGUNDA ETAPA: A EXPLORAÇÃO DO TEMA

A exploração do tema consiste em realizar leituras, entrevistas exploratórias e em utilizar outros métodos complementares de exploração do tema, caso seja necessário e indispensável.

► **A leitura**

Escolha e organização das leituras

Constituem critérios de escolha, segundo Quivy & Campenhoudt (1995, p. 44): partir da questão inicial; evitar um grande número de textos; escolher textos de síntese num primeiro momento para, em seguida, procurar textos que não apresentem somente dados, mas que tenham análise e interpretações; escolher textos que apresentem abordagens e enfoques diferentes sobre o tema; escolher os locais de busca de informações e de textos sobre o tema (bibliotecas, Internet...).

Exercício de aplicação: escolha das primeiras leituras⁵

⇒ Escolha dois ou três textos sobre o tema de pesquisa:

- Parta de sua questão inicial.
- Relembre os critérios de escolha das leituras que foram mencionados acima.
- Identifique os temas de leitura que lhe parecem mais próximos de sua questão inicial.
- Consulte uma ou outra pessoa informada sobre o tema.
- Proceda à pesquisa de documentos e textos através da técnica de pesquisa bibliográfica.

Como ler

Fazer resumos: colocar em evidência as ideias principais e suas articulações de forma a tornar clara a unidade de pensamento do autor. A qualidade de um resumo está diretamente ligada à qualidade da leitura realizada.

Exercício de aplicação: fazer um resumo das primeiras leituras⁶

Fazer resumos dos textos é um trabalho longo. No decorrer desse trabalho, não se esqueça de sua questão inicial e seja particularmente preciso quanto às ideias que estão diretamente ligadas a ela. Você não lerá os textos gratuitamente, mas, sim, para progredir em sua pesquisa. Tenha sempre em mente seus objetivos.

Após ter terminado esse exercício, faça o próximo que completa o primeiro.

Comparação dos textos a fim de buscar elementos de reflexão e pistas de trabalho mais interessantes:

⁵ QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 60-1.

⁶ QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 60-1.

- ▶ Primeiro, compare os textos, a partir dos pontos de vista adotados pelos diferentes autores (convergências, divergências e complementaridades), e dos conteúdos (convergências, divergências e complementaridades).
- ▶ Após, evidencie pistas de pesquisa interessantes para seu estudo (quais são os textos mais próximos de sua questão inicial, quais pistas sugerem).
- ▶ Feito esse trabalho, pare para refletir sobre sua questão inicial.

⇒ **A coleta de informações exploratórias**

A coleta de informações exploratórias pode ser realizada através de entrevistas, de observações ou de busca de informações/dados em bancos de dados secundários, documentos, etc.

Tendo sido formulada provisoriamente, a questão inicial necessita ter certa qualidade de informações sobre o objeto em estudo e encontrar a melhor forma de abordá-lo. Esta é a função do trabalho exploratório. Este se compõe de duas partes, que podem ser realizadas paralelamente: a leitura, como vimos acima, e a coleta de informações através de entrevistas, documentos, observações. As leituras servem primeiramente para nos informarmos das pesquisas já realizadas sobre o tema e obtermos contribuições para o projeto de pesquisa. Graças a essas leituras, o pesquisador poderá evidenciar a perspectiva que lhe parece mais pertinente para abordar seu objeto de estudo. A escolha das leituras requer ser feita em função de critérios precisos: ligações com a questão inicial, dimensão razoável de leituras, elementos de análise e interpretação, abordagens diversificadas, tempo consagrado à reflexão pessoal e às trocas de pontos de vista. Enfim, os resumos corretamente estruturados permitirão tirar ideias essenciais dos textos estudados e compará-los. As entrevistas e observações completam as leituras. Elas permitem ao pesquisador tomar consciência dos aspectos da questão que sua própria experiência e suas leituras não puderam evidenciar. As entrevistas ou observações exploratórias podem preencher essa função quando não são muito diretivas, pois o objetivo não consiste em validar as ideias preconcebidas do pesquisador, mas em encontrar outras ideias. Três tipos de interlocutores são interessantes para desenvolver essas técnicas: especialistas científicos sobre o tema em estudo, informantes privilegiados e pessoas diretamente envolvidas. Ao final desta etapa, o pesquisador poderá ser levado a reformular sua questão inicial de modo que ela leve em conta o trabalho exploratório (QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 44).

Esta é uma etapa importante da pesquisa, pois, se bem desenvolvida, permitirá que a próxima etapa, a construção do problema de pesquisa, ou problemática, seja feita com facilidade e clareza. Uma boa exploração do tema a ser pesquisado conduz quase que naturalmente o pesquisador à elaboração do problema.

3.2.2.3 TERCEIRA ETAPA: A PROBLEMÁTICA

A problemática é a abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adotar para tratar o problema colocado pela questão inicial. Ela é uma forma de interrogar os objetos estudados. Construir uma problemática significa responder a questão: como vou abordar tal objeto?

A concepção de uma problemática, segundo Quivy & Campenhoudt (1995, p. 102-3), pode ser feita em dois momentos:

Num **primeiro momento**, fazemos um levantamento das problemáticas possíveis, evidenciamos suas características e as comparamos. Para isso, utilizamos os resultados do trabalho exploratório. Com ajuda de referenciais (esquemas inteligíveis, modelos explicativos) fornecidos pelas aulas teóricas ou pelos livros de referência sobre o tema, tentamos elucidar as perspectivas teóricas que estão por trás das diferentes abordagens encontradas. Num **segundo momento**, escolhemos e explicitamos nossa própria problemática com conhecimento de causa. Escolher é adotar um quadro teórico que convém e se adapta ao problema e que temos a capacidade de dominar o suficiente. Para explicitar sua problemática, redefine-se o melhor possível o objeto da pesquisa, precisando qual o ângulo em que decidimos abordá-lo e reformulando a questão inicial de forma que ela se torne a questão central da pesquisa. Paralelamente, expõe-se a orientação teórica escolhida, ajustando-a em função do objeto de pesquisa, de forma a obter um “sistema conceitual organizado” apropriado ao que se está procurando pesquisar.

Ainda, segundo os autores acima mencionados (1995, p. 103),

(...) a formulação da questão inicial (que se torna ao longo do trabalho a questão central da pesquisa), as leituras, as entrevistas e observações exploratórias e a problemática constituem de fato componentes complementares de um processo em espiral onde se efetua a ruptura e onde se elaboram os fundamentos do modelo de análise que operacionalizará a perspectiva escolhida.

A figura 2, abaixo, ilustra esse processo: a partir da questão inicial (etapa 1), iniciamos a exploração do tema, através de leituras e da coleta de dados exploratória (etapa 2). Essa segunda etapa nunca se desvinculará da primeira, uma vez que devemos a todo o momento voltar à questão inicial questionando-nos sobre sua pertinência. Da mesma forma, a exploração do tema conduzirá à elaboração da problemática, que nos reportará às leituras e à coleta de dados efetuados, a fim de verificarmos a pertinência e adequação do problema elaborado. Ao longo dessas três primeiras etapas, as flechas de retroação na figura 2 indicam esse vai-e-vem, as interações entre a questão inicial e o problema formulado e correspondem ao eixo da ruptura (como vimos anteriormente), ou seja, o da necessidade de romper, ao longo dessas etapas, com as ideias preconcebidas e com as falsas evidências.

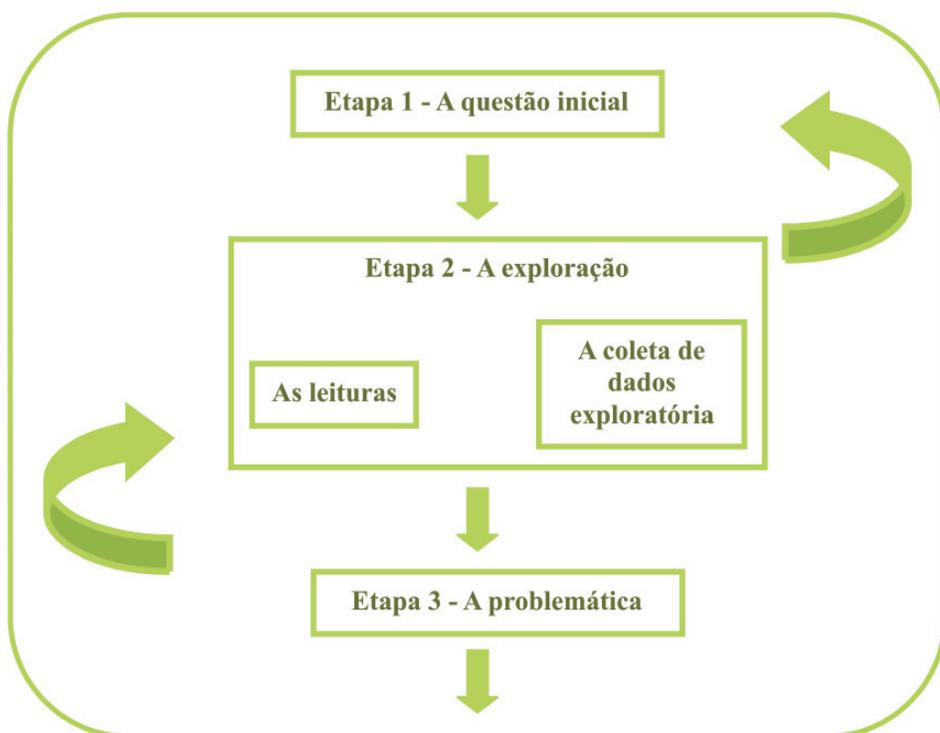


Figura 2 – Interação entre as três primeiras etapas da pesquisa
Fonte: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995.

A interação que observamos entre as três etapas (figura 2) encontra-se novamente nas etapas seguintes. Assim, a problemática chega à sua formulação final através da construção do modelo de análise (etapa 4). A construção distingue-se da problematização por seu caráter operacional, pois a construção deve servir de guia para a coleta de dados.

Exercício de aplicação: escolha e explicitação de uma problemática⁷

Este exercício consiste em aplicar à sua pesquisa as operações relativas à construção de uma problemática.

- ▶ Quais são as diferentes abordagens do problema/tema reveladas por suas leituras e pela coleta de dados exploratória?
- ▶ De que modelos explicativos surgem essas diferentes abordagens? Procure ajuda em suas aulas teóricas ou em livros de referência sobre o tema que proponham um esquema inteligível ou modelos explicativos do social.
- ▶ A partir dessa elucidação, quais são as perspectivas possíveis para seu trabalho? Compare-as.

⁷ QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 103.

- ▶ Que problemática você julga mais adaptável a seu projeto, e por quê? Escolha um quadro teórico existente que você domine sem muitas dificuldades.
- ▶ Em que contexto de pesquisa essa problemática já foi explorada? Quais são os problemas conceituais e metodológicos eventualmente encontrados nas pesquisas anteriores?
- ▶ Como você explicitaria sua problemática? Quais são os conceitos e ideias-chave? Como você reformularia a questão central da pesquisa, bem como as questões específicas?
- ▶ Para realizar esse exercício, são necessárias leituras complementares? Quais, e onde encontrá-las?
- ▶ Após ter tomado conhecimento desses textos complementares, reformule sua problemática.

3.2.2.4 QUARTA ETAPA: A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

Uma vez construída a problemática, é preciso partir para a elaboração de um modelo de análise, ou seja, elaborar as hipóteses ou questões de estudo que surgiram da problemática e que deverão ser respondidas, ou não, a partir de conceitos, modelos teóricos, etc.

Esclarecem Quivy & Campenhoudt (1995, p. 149):

O modelo de análise constitui o prolongamento natural da problemática, articulando de forma operacional os referenciais e as pistas que serão finalmente escolhidos para guiar o trabalho de coleta de dados e a análise. Ele é composto de conceitos e hipóteses que estão interligados para formar conjuntamente um quadro de análise coerente. A conceitualização, ou a construção de conceitos, constitui uma construção abstrata que tenta dar conta do real. Nesse sentido, ela não dá conta de todas as dimensões e aspectos do real, mas somente o que expressa o essencial segundo o ponto de vista do pesquisador. Trata-se, portanto, de uma construção-seleção. A construção de um conceito consiste em designar dimensões que o constituem e em precisar os indicadores graças aos quais essas dimensões poderão ser mensuradas. Distinguem-se os conceitos operacionais isolados que são construídos empiricamente a partir das observações diretas ou das informações coletadas e dos conceitos sistêmicos que são construídos pelo raciocínio abstrato e se caracterizam, em princípio, por um grau de ruptura mais alto com as ideias preconcebidas e com a ilusão da transparência.

Duas formas são sugeridas para a construção das hipóteses (quadro 3 e figura 3).

Quadro 3
Métodos hipotético-indutivo e hipotético-dedutivo

Método hipotético-indutivo	Método hipotético-dedutivo
A construção parte da observação. O indicador é de natureza empírica. A partir dele, constroem-se novos conceitos, novas hipóteses e o modelo que será submetido à prova dos fatos.	A construção parte de um postulado ou conceito como modelo de interpretação do objeto estudado. Esse modelo gera, através de um trabalho lógico, as hipóteses, os conceitos e os indicadores para os quais será necessário buscar correspondentes no real.

Fonte: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995.

Quando iniciamos uma pesquisa pela primeira vez, a abordagem hipotético-indutiva normalmente prevalece, ou seja, construímos nossas hipóteses e indicadores a partir da observação do campo empírico, derivando daí novos conceitos e novas hipóteses que serão submetidas à comprovação pelo modelo estabelecido. Na sequência, quando se possuem algumas ideias conceituais a respeito do tema trabalhado que possam explicar o objeto de estudo, a abordagem hipotético-dedutiva passa a ter mais importância. Isso quer dizer que a construção das hipóteses parte de um postulado ou conceito como modelo de interpretação do objeto estudado. Na realidade, essas duas abordagens se articulam, pois todos os modelos elaborados por uma pesquisa científica comportam dedução e indução.

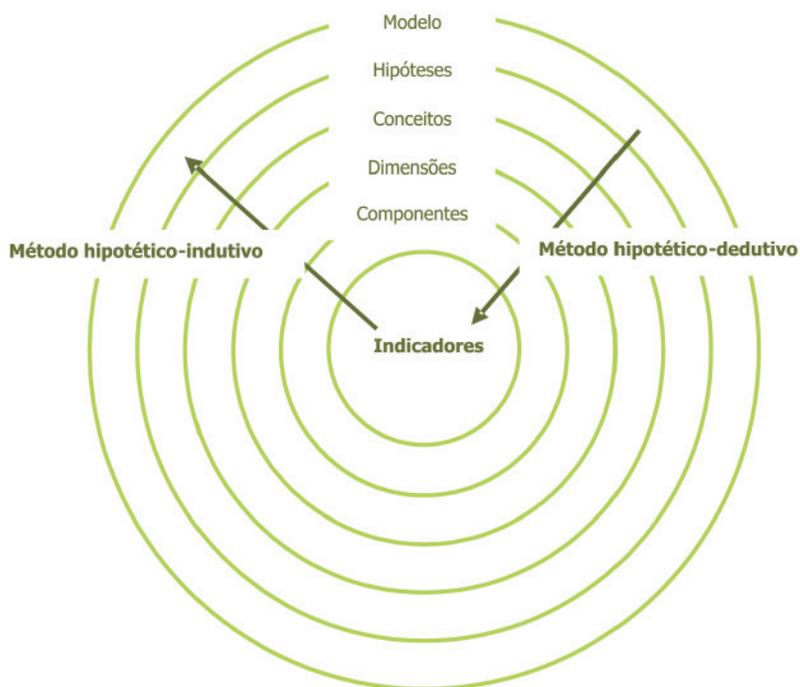


Figura 3 – Métodos hipotético-indutivo e hipotético-dedutivo

Fonte: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995.

Quivy & Campenhoudt (1995, p. 150) definem uma hipótese como

(...) uma proposta que antecipa uma relação entre dois termos que, de acordo com o caso, podem ser de conceitos ou de fenômenos. Ela é, portanto, uma proposta provisória, uma presunção, que requer ser verificada. A hipótese será confrontada, numa etapa posterior da pesquisa, aos dados coletados. Para ser objeto dessa verificação empírica, uma hipótese deve ser falsa. Isso significa primeiramente que ela deve poder ser testada indefinidamente e deve, portanto, ter um caráter de generalidade, e, em seguida, ela deve aceitar enunciados contrários que são teoricamente suscetíveis de serem verificados. Somente o respeito a essas exigências metodológicas permite colocar em prática o espírito da pesquisa, que se caracteriza, sobretudo, pelo questionamento constante dos resultados provisórios da produção do conhecimento.

Esta é, também, uma etapa importante do processo de elaboração de uma pesquisa, pois, associada às etapas anteriores, conduzirá quase que naturalmente o pesquisador à etapa seguinte de elaboração da metodologia de coleta de dados.

Exercício de aplicação: definição de conceitos de base e formulação das hipóteses principais da pesquisa⁸

Para efetuar este exercício com sucesso, eis algumas sugestões:

- ▶ Parta de uma questão precisa, revista e corrigida pelo trabalho exploratório e pela problemática.
- ▶ Não queime etapas. Este exercício constitui o fim natural de um trabalho exploratório corretamente realizado e de uma reflexão sobre sua problemática.
- ▶ Consulte autores reconhecidos. Não hesite em utilizar seus conceitos e inspirar-se em suas hipóteses. Nesse caso, preocupe-se em indicar claramente as referências utilizadas. Trata-se de uma questão de honestidade intelectual e também de validade externa de seu trabalho.
- ▶ Cuide da coerência de seu modelo de análise: coloque claramente em evidência como você concebe as relações entre conceitos e hipóteses.
- ▶ Procure sempre ser claro e objetivo. Lembre-se que a qualidade é mais importante que a quantidade: um ou dois conceitos centrais e uma ou duas hipóteses principais são, na maior parte dos casos, suficientes. Não se preocupe com conceitos e hipóteses secundários, pois, após ter adquirido certeza dos conceitos e hipóteses centrais, formulará mais facilmente outros conceitos e hipóteses.

Exercício de aplicação: explicitar o modelo de análise⁹

Este exercício consiste em detalhar e tornar operacionais as hipóteses e os conceitos principais definidos no exercício precedente. Portanto:

⁸ QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 150.

⁹ QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 151.

- ▶ Para os conceitos: defina suas eventuais dimensões e seus indicadores.
- ▶ Para as hipóteses: identifique as variáveis anunciadas para cada hipótese e estabeleça as relações entre as diferentes hipóteses.

3.2.2.5 QUINTA ETAPA: A COLETA DE DADOS¹⁰

A coleta de dados compreende o conjunto de operações por meio das quais o modelo de análise é confrontado aos dados coletados. Ao longo dessa etapa, várias informações são, portanto, coletadas. Elas serão sistematicamente analisadas na etapa posterior. Conceber essa etapa de coleta de dados deve levar em conta três questões a serem respondidas: O que coletar? Com quem coletar? Como coletar?

- ▶ **O que coletar?** Os dados a serem coletados são aqueles úteis para testar as hipóteses. Eles são determinados pelas variáveis e pelos indicadores. Podemos chamá-los de dados pertinentes.
- ▶ **Com quem coletar?** Trata-se a seguir de recortar o campo das análises empíricas em um espaço geográfico e social, bem como num espaço de tempo. De acordo com o caso, o pesquisador poderá estudar a população total ou somente uma amostra representativa (quantitativamente) ou ilustrativa (qualitativamente) dessa população.
- ▶ **Como coletar?** Esta terceira questão refere-se aos instrumentos de coleta de dados, que comporta três operações:
 - ⇒ Conceber um instrumento capaz de fornecer informações adequadas e necessárias para testar as hipóteses; por exemplo, um questionário ou um roteiro de entrevistas ou de observações.
 - ⇒ Testar o instrumento antes de utilizá-lo sistematicamente para se assegurar de seu grau de adequação e de precisão.
 - ⇒ Colocá-lo sistematicamente em prática e proceder assim à coleta de dados pertinentes.

10 Adaptado de: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 209.

ANOTE

Em estatística, uma variável é um atributo mensurável que varia entre indivíduos.

⇒ **Variável quantitativa:** É aquela que é numericamente mensurável; por exemplo, a idade, a altura, o peso. Estas variáveis ainda se subdividem em:

⇒ **Variável quantitativa contínua:** É aquela que assume valores dentro de um conjunto contínuo, caso típico dos números reais. São exemplos o peso ou a altura de uma pessoa.

⇒ **Variável quantitativa discreta:** É aquela que assume valores dentro de um espaço finito ou enumerável, caso típico dos números inteiros. Um exemplo é o número de filhos de uma pessoa.

⇒ **Variável qualitativa:** É aquela que se baseia em qualidades, e não é mensurável numericamente. Estas variáveis ainda se subdividem em:

⇒ **Variável qualitativa ordinal:** É aquela que pode ser colocada em ordem; por exemplo, a classe social (A, B, C, D ou E) e a variável "peso", medida em três níveis (pouco pesado, pesado, muito pesado).

⇒ **Variável qualitativa nominal:** É aquela que não pode ser hierarquizada ou ordenada, como a cor dos olhos, o local de nascimento.

Já um **indicador** é um parâmetro que mede a diferença entre a situação desejada e a situação atual, ou seja, ele indica o estado atual do ponto medido. É um instrumento de medição cujos resultados são utilizados nas reuniões de Análise Crítica. O indicador permite quantificar um processo. Seus índices expressam o grau de aceitação (em porcentagem) de uma característica.

São exemplos de indicadores:

⇒ **Indicador social** (por exemplo, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH); índices de alfabetização; taxas de mortalidade; etc.).

⇒ **Indicador de sustentabilidade ambiental** (emissões atmosféricas; qualidade da água; efluentes tratados; etc.).

Na coleta de dados, o importante não é somente coletar informações que deem conta dos conceitos (através dos indicadores), mas também obter essas informações de forma que se possa aplicar posteriormente o tratamento necessário para testar as hipóteses. Portanto, é necessário antecipar, ou seja, preocupar-se, desde a concepção do instrumento, com o tipo de informação que ele permitirá fornecer e com o tipo de análise que deverá e poderá ser feito posteriormente.

A escolha entre os diferentes métodos de coleta de dados depende das hipóteses de trabalho e da definição dos dados pertinentes decorrentes da problemática. É igualmente importante levar em conta as exigências de formação necessárias para colocar em prática de forma correta cada método escolhido.

Exercício de aplicação: concepção da coleta de dados¹¹

Este exercício consiste em aplicar as noções estudadas nesta etapa a seu próprio trabalho. Essa aplicação efetua-se em três fases:

► **O que coletar?** A definição dos dados pertinentes.

⇒ Que informações são necessárias para testar as hipóteses? Para responder a essa pergunta, lembre primeiramente as hipóteses, os conceitos e seus indicadores.

¹¹ Adaptado de: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 210.

- ▶ **Com quem coletar?** A delimitação do campo de análise e a seleção das unidades de coleta de dados.
 - ⇒ Levando em consideração as informações necessárias, qual é a unidade de coleta de dados que se impõe (indivíduo, instituição, associação, município, país...)?
 - ⇒ Que delimitações dar ao campo de análise?
 - ⇒ Quantos indivíduos, instituições, etc.?
 - ⇒ Qual é a área geográfica a ser considerada?
 - ⇒ Qual é o período de tempo a ser levado em conta?

Em função dessas delimitações, será melhor coletar os dados sobre a totalidade da população, sobre uma amostra representativa (método quantitativo) ou somente sobre uma amostra ilustrativa de certas características desta população (método qualitativo)?

Para delimitar o campo de análise, leve em conta igualmente seus prazos de execução, seus recursos e o método de coleta de dados que você pensa utilizar (antecipação).

- ▶ **Como coletar?** A escolha do método de coleta de dados mais adequado. Que método de coleta é o mais apropriado? Para responder a essa questão, leve em conta as hipóteses de trabalho e a definição de dados pertinentes, o tipo de análise que será feito posteriormente (trata-se também de antecipar a etapa seguinte) e sua própria formação metodológica.

3.2.2.6 SEXTA ETAPA: A ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES

O objetivo de uma pesquisa, segundo Quivy & Campenhoudt (1995, p. 213), é responder à questão inicial (etapa 1); para isso, o pesquisador elabora hipóteses ou questões de pesquisa e desenvolve a coleta de dados necessários. Uma vez que os dados foram coletados, trata-se de verificar se essas informações correspondem às hipóteses, ou seja, se os resultados observados correspondem aos resultados esperados pelas hipóteses ou questões da pesquisa. Assim, o primeiro passo da análise das informações é a verificação empírica. Mas a realidade é sempre mais complexa do que as hipóteses e questões elaboradas pelo pesquisador, e uma coleta de dados rigorosa sempre traz à tona outros elementos ou outras relações não cogitados inicialmente. Nesse sentido, a análise das informações tem uma segunda função, a de interpretar os fatos não cogitados, rever ou afinar as hipóteses, para que, ao final, o pesquisador seja capaz de propor modificações e pistas de reflexão e de pesquisa para o futuro.

Quivy & Campenhoudt (1995, p. 243) definem a sexta etapa da pesquisa, ou seja, a análise das informações, como

(...) a etapa que faz o tratamento das informações obtidas pela coleta de dados para apresentá-la de forma a poder comparar os resultados esperados pelas hipóteses. No cenário de uma análise de dados quantitativos, essa etapa compreende três operações. Entretanto, os princípios deste método podem ser transpostos, em grande parte, a outros tipos de métodos.

A **primeira operação** consiste em descrever os dados. Isso remete, por um lado, a apresentá-los (agregados ou não) sob a forma requerida pelas variáveis implicadas nas hipóteses e, por outro lado, de apresentá-los de forma que as características dessas variáveis sejam evidenciadas pela descrição.

A **segunda operação** consiste em mensurar as relações entre as variáveis, da maneira como essas relações foram previstas pelas hipóteses.

A **terceira operação** consiste em comparar as relações observadas com as relações teoricamente esperadas pela hipótese e mensurar o distanciamento entre elas. Se o distanciamento é nulo ou muito pequeno, pode-se concluir que a hipótese está confirmada; caso contrário, será preciso examinar de onde provém esse distanciamento e tirar as conclusões apropriadas. Os principais métodos de análise das informações são a análise estatística dos dados (método quantitativo) e a análise de conteúdo (método qualitativo).

No desenvolvimento da análise, Quivy & Campenhoudt (1995, p. 222) enfatizam que

(...) cada hipótese elaborada na fase de construção expressa as relações que pensamos serem corretas e que devem ser confirmadas pela coleta de dados. Os resultados encontrados são os que resultam das operações precedentes. É comparando os resultados encontrados com os resultados esperados pela hipótese que poderemos tirar as conclusões. Se houver divergência entre os resultados observados e os resultados esperados, será necessário examinar de onde provém esse distanciamento e em que a realidade é diferente do que se presumia no início, elaborando novas hipóteses e, a partir de uma nova análise dos dados disponíveis, examinar em que medida elas se confirmam.

Nesse caso, será necessário completar a coleta de dados. Essa interação entre a análise, as hipóteses e a coleta de dados é representada na figura 4, abaixo, pelas duas flechas de retroação, ou seja, a análise das informações vai invariavelmente remeter-nos a verificar (ou ao menos a refletir sobre) a construção do modelo de análise (sua pertinência e coerência) e, igualmente, a coleta de dados (pertinência e rigor).

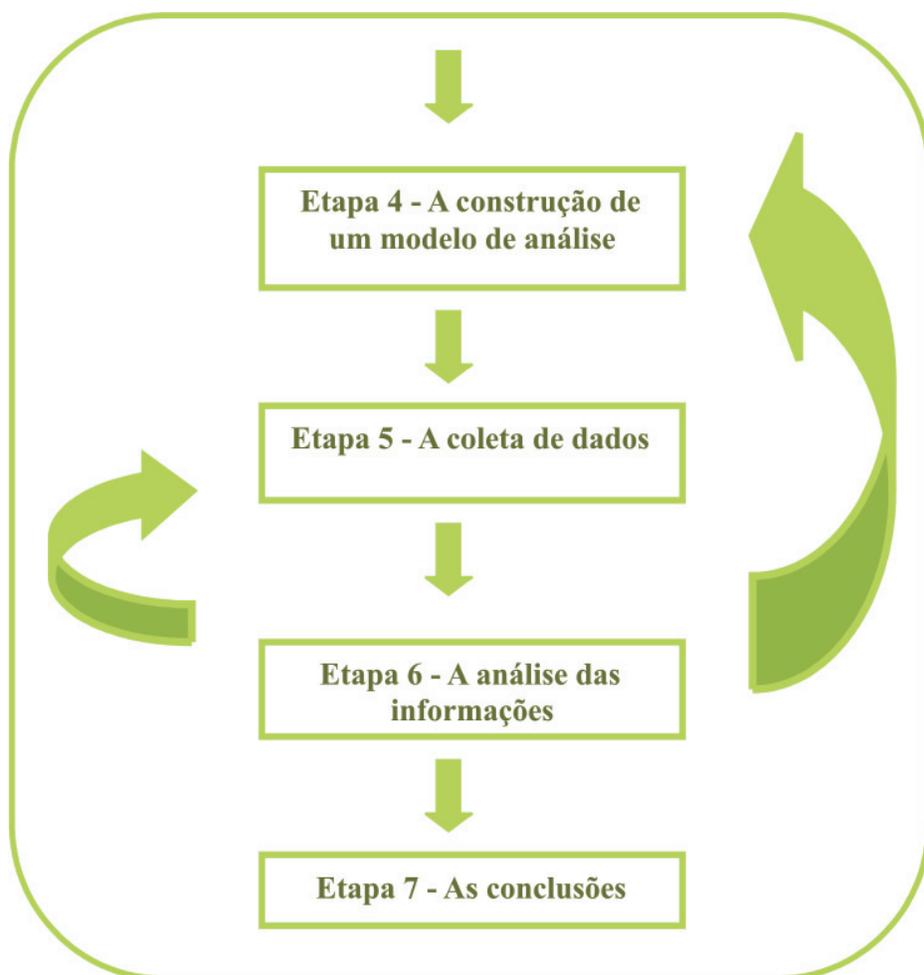


Figura 4 – Interação entre as etapas 4 e 7 da pesquisa
Fonte: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995.

Exercício de aplicação: análise das informações¹²

Nesta etapa, é ainda mais difícil dar referenciais precisos para um trabalho pessoal, tamanha é a diversidade de problemas e técnicas de análise. As cinco questões abaixo podem, entretanto, ajudar a evoluir na maioria dos trabalhos.

- ▶ Quais são as variáveis implicadas nas hipóteses?
- ▶ Quais são as informações que correspondem às variáveis ou que devem ser agregadas para serem descritas?
- ▶ A distribuição das variáveis é normal, conforme as hipóteses?
- ▶ Como expressar os dados para evidenciar suas principais características?
- ▶ Com que tipo de variável é preciso trabalhar (nominal, ordinal ou contínua, discreta), e quais são as técnicas de análise compatíveis com esses dados?

¹² QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995, p. 244.

3.2.2.7 SÉTIMA ETAPA: AS CONCLUSÕES

A conclusão de um trabalho de pesquisa comportará três partes, conforme Quivy & Campenhoudt (1995, p. 247-53):

1 – Síntese das grandes linhas da pesquisa:

- ▶ Preparar a produção do texto, que deve:
- ⇒ apresentar a questão da pesquisa, ou seja, a questão inicial em sua formulação final;
- ⇒ apresentar as principais características do modelo de análise, particularmente as hipóteses;
- ⇒ apresentar o campo de coleta de dados, os métodos escolhidos e a coleta de informações realizada;
- ⇒ comparar os resultados esperados pela hipótese com os resultados obtidos, bem como fazer uma breve descrição das principais distâncias encontradas entre ambos.

2 – Novos aportes do conhecimento produzido, que são de dois tipos:

- ▶ Novos conhecimentos relativos ao objeto de análise
Os novos conhecimentos produzidos relativos ao objeto são aqueles que podemos evidenciar respondendo a duas questões:
 - ⇒ O que sei a mais sobre o objeto de análise?
 - ⇒ O que sei além do objeto de análise?

Quanto mais o pesquisador se distanciar das ideias preconcebidas do conhecimento corrente e se preocupar com sua problemática, mais terá chances de que o novo conhecimento produzido relativos ao objeto de estudo traga contribuições.

- ▶ Novos conhecimentos teóricos

Para aprofundar o conhecimento sobre um domínio concreto da realidade, o pesquisador definiu uma problemática e elaborou um modelo de análise composto de conceitos e de hipóteses. Ao longo de seu trabalho, não somente esse domínio concreto foi explicitado, como também a pertinência da problemática e do modelo de análise foi testada. Assim, um trabalho de pesquisa deve permitir igualmente a avaliação da problemática e do modelo de análise.

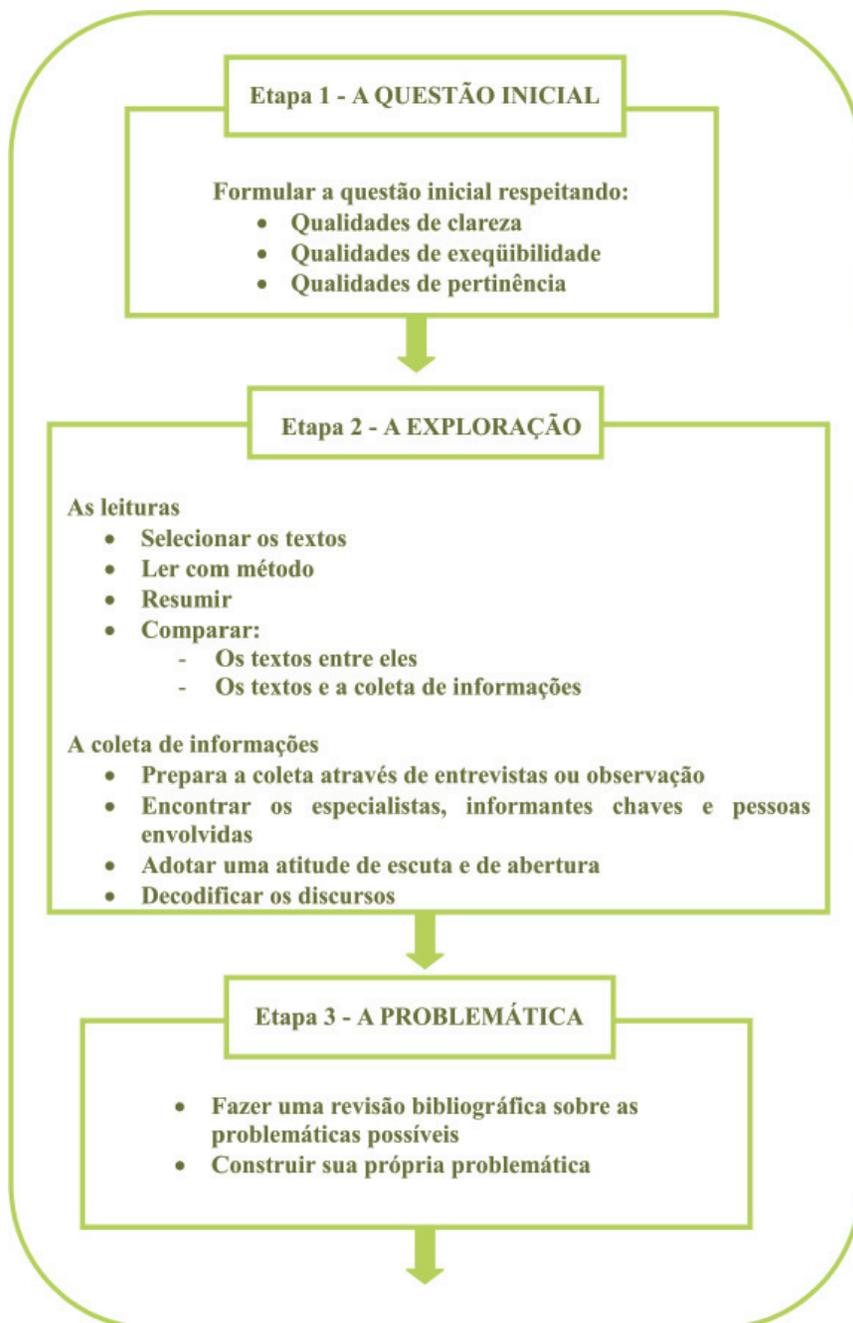
Não se trata, para o pesquisador iniciante, de fazer grandes descobertas teóricas inéditas e de grande interesse para a comunidade científica, mas, sim, de ele próprio descobrir novas perspectivas teóricas, mesmo que elas sejam amplamente conhecidas. Nossa ótica aqui é a da formação.

3 – Perspectivas práticas:

Todo pesquisador deseja que seu trabalho sirva para alguma coisa. O problema é que as conclusões de uma pesquisa conduzem raramente a uma aplicação prática clara e indiscutível. Trata-se de consequências práticas que certos elementos de análise implicam claramente? Se sim, por quais elementos de análise e em que a implicação é indiscutível? Trata-se mais de pistas de ação que as análises sugerem, sem induzi-las de forma automática e incontestável?

Vários pesquisadores esperam de seus trabalhos resultados práticos e que constituam guias de intervenção para as decisões e ações. Isso é possível em estudos de caráter mais técnico, como, por exemplo, os estudos de mercado. Mas, por via de regra, as relações entre pesquisa e ação não são assim tão diretas.

Segue, na figura 5, um recapitulativo das etapas da pesquisa, tal qual proposto por Quivy & Campenhoudt.



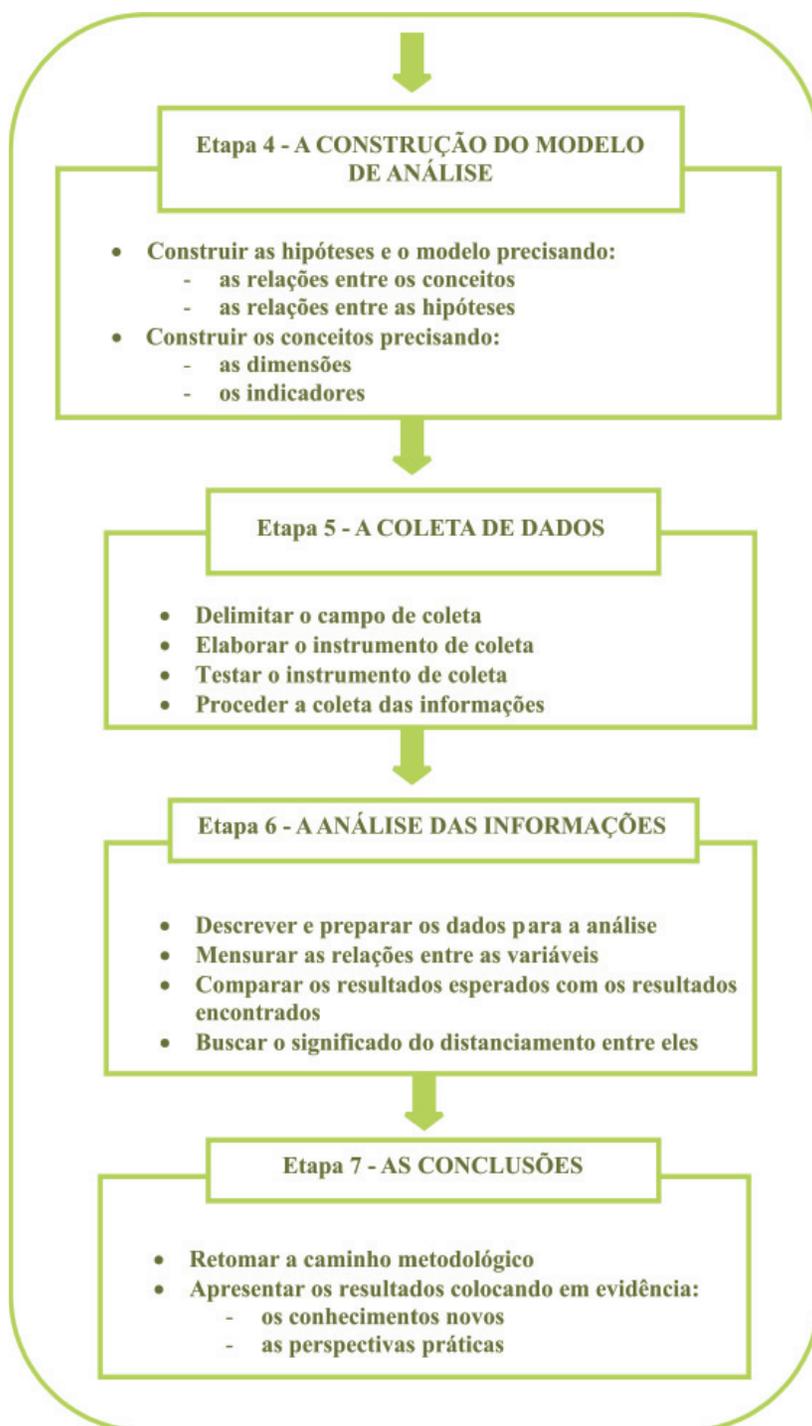


Figura 5 – Recapitulativo das etapas da pesquisa
Fonte: QUIVY & CAMPENHOUDT, 1995.

3.3 REFERÊNCIA

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. *Manuel de recherche en sciences sociales*. Paris: Dunod, 1995.